

Militante

GES
PCP

Lisboa, Janeiro de 1942

Boletim de Organização do P.C.P. (SPIC)

Preço #50

Tarefas Partidárias

I

REFORÇAMENTO DA UNIDADE PARTIDÁRIA

"Antes de unificar-se (o Partido) e para unificar-se é preciso definir os campos de forma resoluta e definitiva".

LENINE (Obra Compl., Tom. IV)

(Continuação do número 6)

Num momento em que toda a sociedade capitalista atravessa uma crise agudíssima, que se abrem novas perspectivas para o Partido da classe operária, tudo o que possa quebrar ou abalar a unidade partidária pode vir a ter uma acção paralizante na marcha do movimento revolucionário português. A existência dum grupelho que se intitula o Partido, que procura por todas as formas confundir-se com o Partido, provoca entre as massas hesitações, confusão e descrença no Partido como Vanguarda organizada do proletariado.

A burguesia sabe bem que isto é assim, e por isso fomenta e acarinha todos os movimentos pseudo-revolucionários que tenham por fim quebrar a unidade da classe operária em volta do seu Partido. É esta a razão, porque num momento tão decisivo para o futuro da humanidade avançada e progressiva e para a classe operária, aparece em Portugal um grupelho de intelectuais indesejáveis e escarapitados do P., que procura servir os interesses da burguesia mais reacçãoária e mais odienta, lançando a confusão entre as massas, procurando quebrar a unidade partidária. Dado o prestígio sempre crescente do P. entre as massas, esse grupo de safados morais só poderia encontrar eco para as suas manigâncias políticas, desde que se rotulasse com o nome do P., e foi o que fizeram. Este grupelho de intelectuais corruptos e de agentes policiais, nunca poderia ter-se constituído e feito a sua aparição pública, senão num momento tão grave como este para o futuro tãobalado da reacção fascista. O anêncimento dum falso "Avante", as deslocacões através o país dos seus fabricantes, são possíveis quando auxiliados pela burguesia reacçãoária; e a burguesia reacçãoária só auxilia movimentos pseudo-revolucionários, quando se sente seriamente ameaçada.

A FALTA DE EXPERIÊNCIA POLÍTICA DA MASSA PARTIDÁRIA

Mas vamos não importa: Porque se torna possível a acção criminosa destes agentes da burguesia reacçãoária entre a classe operária? Porque se torna possível que eles consigam atingir parcialmente os seus infames intentos?

Porque o proletariado português ainda não possui aquela experiência política que só se adquire através duma longa experiência revolucionária ou do estudo das obras dos mestres e guias da Revolução. Poderemos aplicar com justeza a situação presente as palavras de Lenine: "A mediada que se consolide no nosso país um verdadeiro Partido, o operário consciente irá aprendendo a distinguir a psicologia de combatente do exército proletário da psicologia do intelectual burgues que se pavoneia com frases anarquistas; irá aprendendo a exigir que cumpram os seus deveres de membros do Partido não só militantes da base, mas também "os de cima". (Obr. Compl., vol. VI) porque o P. tem sido obrigado a viver numa completa ilegalidade desde a sua organização, e não lhe foi ainda possível trazer até ao conhecimento das massas, a acção perniciosa e contra-revolucionária de alguns elementos que por ele tem passado. Enquanto o P. puder publicamente arrancar a máscara a muitos dos serventurários da reacção entre a classe operária; enquanto elementos cheios de desvios pequeno-bur-

gueses se pavonearem como "marxistas", o confusãoismo e a provocação encontrarão sempre terreno mais ou menos favorável para as suas manobras.

Uma prova cabal da falta de experiência política, é o que se está passando com alguns elementos revolucionários (sobretudo elementos de origem pequeno-burguesa ou influenciados pela pequena burguesia). Porque o grupelho provocatório não aparece nas suas publicações a defender posições abertamente capitulacionistas ou esquerdismos evidentes, mas antes procura confundir o mais possível a sua orientação política e aspecto conspirativo com o trabalho realizado pelo P., logo muitos elementos menos experientes são levados a ver nesse trabalho, não um trabalho provocatório, mas sim um trabalho de "gente honesta embora procedendo talvez mal". Ora a verdade é que é exactamente nessa "camuflagem" do trabalho do grupelho com o trabalho do P., que reside o seu carácter provocatório. Esses camaradas esquecem-se ou ignoram o seguinte ensinamento de Stáline: "Os trabalhadores não podem fiar-se nos seus dirigentes, quanto estes se afogam no pântano do jogo diplomático, quando as suas palavras não são apoiadas pelas acções, quando as palavras e acções dos dirigentes não coincidem" (Discurso a Comissão Alemã do C.E. da I.C. ampliado, em 1926). Se esse grupelho se apresentasse como corrente "discordante" desta ou daquela orientação do P., se defendesse determinada orientação que o P. não aceitasse, estaria "justificada", até certo ponto, a sua existência como grupelho. Mas não! O grupelho, dentro das suas magras possibilidades, procura ajustar-se tanto quanto possível, a uma orientação justa, ou seja a orientação seguida pelo P.. E para quê? Para se poder apresentar perante a classe operária como uma organização "honestá", "consciente", "conciliadora", escondendo assim aos olhos dos elementos menos conscientes, o seu fim criminoso de confusãoistas, de desagregadores, de provocadores policiais.

O P. é uno e indivisível, e tudo quanto tenha por fim dividi-lo ou dividir a classe a que pertence, terá de ser considerado como nefasto e condenável. Quanto mais não houver se, a existência dum grupelho que se intitula a si mesmo de P., seria já de si, mais do que o suficiente, para se condenar esse grupelho como anti-partido, como contra-revolucionário. Mas, infelizmente, há muito mais do do que isso!

A MENTALIDADE PEQUENO-BURGUESA

Para os elementos pequeno-burgueses, de origem mais ou menos "reviralista" o grupelho usa dum estratégia que cala bem neste sector: é a atitude "conciliadora". Dizem lamentar o que está sucedendo; que o P. é que está "procedendo mal para com eles"; que o que os separa a eles provocadoras de nós, é simplesmente uma questão de "rivalidades e despeitos de dois ou três elementos que dentro do P. procuram perseguir-los a eles, para assim darem largas as suas ambições de mando", etc., etc. Ao mesmo tempo que proferem estes lamentos, tocam-lhes no seu ponto fraco: "o te viralho que está para vir". E falam-lhes de armas, de bombas, de movimentos que estão no chôco, etc. Como vemos por esta pequena amostra, também no sector pequeno-burguês os provocadores estão exercendo uma acção paralizante e desagregadora. Esta acção estende-se até certos elementos da classe operária de tendências mais ou menos pequeno-burguesas. É este o sector que o grupelho tem tocado mais fundamente, dada a sua composição de classe: engenheiros auxiliares, médicos, estudantes, negociantes de volfrâmio, caixeiros viajantes, etc.

A MAROMBA DO TROTZQUISMO

A tentativa para isolar o P. das massas, para estabelecer a confusão entre a classe operária, é obtida pelo grupelho com a divulgação da maromba do "trotzquismo". Aqui também nós verificamos que tal calúnia só poderia propagar-se num meio falho de certa experiência política, pois que, quem conheça bem o que é o "trotzquismo" como movimento, logo verificará facilmente o carácter calunioso desta afirmação tão propagada pelo grupelho. O trotzquismo é fundamentalmente (como se poderá verificar pelo artigo de Manuel Cuesta que o "Militante" começa a publicar no presente número) uma corrente anti-leninista e anti-revolucionária, que não aceita as decisões da I.C., que combate a edificação do Socialismo levada a cabo pelo glorioso Partido Comunista (B) da URSS, que combate a direcção leninista e genial do grande Stáline, que se alia com os piores inimigos da classe operária na sua luta contra a URSS, que serve de vassalouro para todas as pestilências morais escorraçadas das fileiras dos Partidos Comunistas de todos os países. Por esta exposição sucinta, fácil será verificar como pela nossa actuação tudo o aqui fica exposto, e

que é a síntese do trotsquismo, tem sido combatido por nós. Como nós respeitamos e obedecemos a todas as decisões da I.C.: como estamos integrados dentro do marxismo-leninismo, como amamos e defendemos a URSS, nossa grande pátria proletária; como vemos em Staline o mestre e guia do proletariado mundial; como escorramos do seio do P., todos os indesejáveis, todos os serventurários da política facista; como não queremos nada com os provocadores que tentam infiltrar-se no seu seio.

Mas ocorre perguntar: Como vencerá o P. a acção confusionista e provocatória do grupelho que falsamente se intitula de P.? Como se estabelecerá a unidade partidária?

Primeiro e fundamentalmente esclarecendo as massas; desmascarando as vis intenções do grupelho bem assim como aos seus miseráveis agentes.

Esta missão não caí somente a imprensa do P., mas sim a toda a massapartidária. E isto só será possível pelo robustecimento político de toda a base partidária; pela elevação do nível político do P.. Se o P. contasse com uma base de larga experiência política e com uma preparação revolucionária sólida, os manejos confusionistas e provocadores do grupelho desfar-se-iam de encontro ao P. como as vagas do mar revólto de encontro a firmes rochas. Mas não; alguns elementos do P. mais falhos de experiência deixam-se acorrentar as palavras. Esquecem-se que um revolucionário não pode julgar os homens pelas palavras, mas sim pelas obras. que as obras desses homens dentro do P. foram uma longa série de erros e de crimes. E que presentemente, a sua acção é a lógica continuação do seu miserável passado. A homens como estes, as palavras servem, não para revelarem os seus intentos, mas sim para os esconderem; pois não são de natureza a poderem confessá-los publicamente. Mas porque o P. não tem podido nem sabido elevar o nível político da sua base, porque a ilegalidade feroz da sua vida lhe não permite abordar directamente as massas, os provocadores conseguem meter pequenas "cunhas" dentro da Organização, enfraquecendo a sua unidade. A unidade partidária só se torna um facto concreto real, por uma maior consciência revolucionária em toda a sua massa. Enquanto dentro do P. se encontrarem militantes de fraca preparação política e de curta experiência revolucionária, não pode fortalecer-se espontaneamente a unidade partidária; são como sentinelas que se deixam adormecer e ficam por isso a mercê do inimigo, pon-

do em perigo a fortaleza que defendem.

A DISCIPLINA BOLCHEVIQUE

Mas aquilo que a generalização de uma consciência bolchevique não poderá garantir imediatamente, poderá e deverá ser-nos garantido pelo estabelecimento duma disciplina férrea em toda a Organização. E o cumprimento dessa disciplina, tem de vir do topo a base e da base ao topo. Isto quer dizer que a disciplina tem de ser exigida por todos os elementos do P., estejam onde estiverem, façam o que fizerem. E ser disciplinado, implica: OBEDECER E FAZER OBEDECER. Não basta que cada militante cumpra as decisões do seu escalão ou dos escalões superiores; é preciso que exija o seu cumprimento a todos os outros militantes!

O P. tem de ser impiedoso para com certas manifestações de individualismo pequeno-burguês que põem em perigo a sua disciplina partidária e que bram assim a sua unidade. Não pode haver dentro do P. quem pretenda fazer valer contra tudo e contra todos o seu critério. Quem se julga mais "honesto" ou mais "consciente" que os restantes militantes, e que por isso pretenda impor-lhes uma linha de actuação repelida pelo P. ou pelo seu escalão. Quem tome atitudes "conciliadoras" com os piores inimigos do P. e procure, por conta própria, entrar em relações com eles. Quem procure "canalizar" pata dentro do P. os rumores tendenciosos lançados pelos seus ifames inimigos; ou que dentro do P. procure levantar a discussão das atoardias levantadas pelos provocadores. O P. tem de repelir "negociações" individuais com elementos flutuantes, de tendências individualistas, sempre prontos a ouvirem todos os cantos de sereia que os possam fazer esquecer dos seus deveres de militantes do P.. A posição do militante comunista perante a provocação, só poderá ser uma: repulsa e combate decidido! É preferível sermos menos, mas firmes e decididos, a muitos, mas hesitantes e fracos!

Só uma disciplina férrea conseguirá fazer do P. um só bloco, uma força única, capaz inspirar confiança e de servir de guia a classe operária portuguesa.

A LUTA CONTRA OS DESVIOS POLÍTICOS

Mas não basta uma disciplina férrea, é preciso que dentro do P. se trave uma luta decidida, sistemática, contra todos os desvios políticos.

sejam eles da direita ou esquerda. Da da a origem do P. (Juventudes Sindicatistas) e uma tradição anarquista no movimento operário português, a quasi não existência dum partido socialista; o desvio mais frequente com que o P. tem de lutar, é o esquerdismo. A cada passo, sobretudo no trabalho legal, o P. verifica o aparecimento de certas tendências sectárias, de concepções políticas de natureza esquerdista. Se é certo que estas manifestações esquerdistas não aparecem dentro do P. como uma "corrente", mas sim como manifestações isoladas, frutos naturais duma velha concepção de trabalho político, e de falta de preparação revolucionária. Se a existência desses desvios não põe em perigo a unidade partidária, a verdade porém é que compromete muitas vezes a marcha do trabalho revolucionário do P.. É sobretudo no trabalho nas organizações legais, na repulsa em trabalhar legalmente, na tendência manifesta de arrastar para formas absolutamente ilegais toda a actividade revolucionária do P., que este esquerdismo hereditário se manifesta. É contra ele que o P. tem de lutar; será pela sua eliminação que o P. tornará mais forte a sua unidade interna. Uma das consequências das tradições sectárias no trabalho do P. verifica-se no esquematismo orgânico de que enfermam alguns dos seus militantes. Para esses elementos a questão fundamental não é o trabalho político realizado por qualquer escalão, as regras conspirativas que os seus componentes cumprem, ou não cumprem, mas sim a "montagem" da Organização. Ela parecer-lhe-á tanto mais perfeita, quanto mais complicada for... É muito vulgar, sobretudo na província, aparecerem-nos camaradas com verdadeiros mapas de esquemas para a montagem da Organização na sua localidade, onde as tarefas são sempre muito mais do que os elementos responsáveis e que as possibilidades locais. Estes camaradas esquecem-se que dentro da ilegalidade em que o P. é obrigado a viver, toda a rigidez, todo o esquematismo orgânico, será prejudicial. Que o que é preciso é unificar o trabalho, é responsabilizar pela sua materialização os seus encarregados. Tudo o que complica a vida do P. será prejudicial; tudo o que a simplifique e a torne mais maleável, será muito mais eficiente.

A INTRIGA E A MALEDICÊNCIA

O P. tem de aparecer perante as massas como um bloco homogêneo, como um todo uno e perfeito. Para isto será necessário que todos os seus militantes se mantenham sempre vigilantes e prontos a desmascararem os intrigantes e os maldizentes que possam vir a

burgir dentro da Organização. Se é certo que a intriga poucas vezes tem feito massa ao P., pois é mais própria dos partidos burgueses, não é menos certo que alguns casos concretos se poderão apontar; casos, diga-se de passagem, em que os seus autores depressa se viram isolados da massa partidária. A missão do intriguista dentro do P. é dividir, é fomentar a discórdia, é quebrar a unidade partidária. Por isso o intriguista (elementos de mentalidade pequeno-burguesa, na sua maioria) terá de ser encarado como um contra-revolucionário, como um miserável desagregador. Focaremos, de passagem, dois casos concretos de intriga levados a cabo dentro do nosso P. em épocas diversas. O primeiro passou-se em 1935, quando um elemento que naquela altura se encontrava no C.C. (donde depois foi irradiado como desagregador e trotsquista) espalhou em Lisboa e no Baireiro que os nossos queridos camaradas Bento e José de Sousa estavam incompatibilizados, o que era uma calúnia, e que obrigou estes nossos dois camaradas a desfazerem a atoarda por uma declaração conjunta publicada no "Avante" dessa data. A outra, bem mais grave, foi realizada por um elemento que hoje também se encontra irradiado, mas que naquela altura (1937) gozava da confiança do nosso C.C., e que se serviu dessa confiança para, no estrangeiro, urdir uma verdadeira teia de intrigas contra um dos mais destacados militantes do nosso P., semeando a desconfiança a sua volta, criando assim serias dificuldades para a vida posterior do P. como secção da I. C..

Por estas ligeiras amostras, vemos quanto é para ponderar a acção possível de qualquer intriguista dentro da Organização, e como o P. deverá estar sempre vigilante perante qualquer ofensiva deste género, ofensiva que poderá comprometer a unidade interna do P..

CRÍTICA HONESTA E CRÍTICA DESONESTA

A crítica aos erros políticos, ou ao mau trabalho dos militantes do P., faz-se dentro do P., e no escalão a que se pertence. O P. não admite que filiados seus façam críticas de outros camaradas senão dentro do P. e no escalão a que pertencem. Tudo o que não seja isto, significa maledicência, desprestígio, e é portanto contra-revolucionário. A crítica honesta é sempre benéfica e útil. Se as críticas que nos são dirigidas pelos provocadores que editaram o falso "Avante" fossem honestas, nós agradecer-lhes-íamos, pois isso permitir-nos-ia melhorar o nosso trabalho. Porém a maledicência e a calúnia são apêndices da política fascista e da reacção.

(continua na pag. 7)

-Páginas de Cultura Política-AS TRÊS PARTICULARIDADES DO
EXÉRCITO VERMELHO

Por J. Stáline

(Discurso pronunciado na sessão plenária do Soviète de Moscovo, na ocasião do X aniversário do Exército Vermelho, em 23 de Fevereiro de 1928)

Camaradas,

Permiti-me que saúde, em nome do Comité Central do nosso Partido, os combatentes do nosso Exército Vermelho, os combatentes da nossa Marinha Vermelha, os combatentes da nossa Aviação Vermelha, enfim os nossos operários armados da U R S S.

O Partido orgulha-se de ter conseguido criar, com a ajuda dos operários e camponeses, o primeiro Exército Vermelho do mundo, que defendeu e salvou em batalhas imensas, a liberdade dos operários e camponeses.

O Partido orgulha-se de que o Exército Vermelho tenha conseguido percorrer com honra o difícil caminho dos mais ferozes combates contra os inimigos interiores e exteriores da classe operária e do campesinato do nosso país, de que tenha conseguido formar-se como força revolucionária de combate, para terror dos inimigos da classe operária e para a alegria de os oprimidos e de todos os escravizados.

O Partido orgulha-se de que o Exército Vermelho, depois de ter percorrido o longo caminho da libertação dos operários e dos camponeses do jugo dos capitalistas e dos proprietários da terra, tenha enfim conquistado o direito de celebrar o seu aniversário no décimo ano da sua existência.

Camaradas, onde está a força, onde está a origem da força do nosso Exército Vermelho?

Em que residem as particularidades que diferenciam radicalmente o nosso Exército Vermelho de todos os exércitos de todas as espécies que têm existido no mundo? Em que residem as particularidades que são a fonte da força e do poder do nosso Exército Vermelho?

x x x

A primeira particularidade essencial do nosso Exército Vermelho reside no facto de que ele é o exército dos operários e dos camponeses libertados, o Exército da Revolução de Outubro, o exército da Ditadura do Proletariado. Todos os exércitos de todas as espécies que têm existido até agora, qualquer que tenha sido a sua composição, são exércitos que fortalecem o poder do capital. Eram e con-

tinuaram sendo os exércitos do domínio do capital. Os burgueses de todos os países mentem quando dizem que o exército é neutro politicamente. Isso não é verdade. Nos estados burgueses, o exército é privado de direitos políticos, é afastado da arena política, isso é certo. Mas isso não quer dizer de forma nenhuma que ele seja neutro politicamente. Pelo contrário, por toda a parte e sempre, em todos os países capitalistas, o exército tem sido arrastado e é arrastado para a luta política, servindo de instrumento de opressão dos trabalhadores. Não é verdade que lá o exército oprime os trabalhadores, que lá ele serve de baluarte aos patrões? Ao contrário destes exércitos, o nosso Exército Vermelho tem a particularidade de ser um instrumento de reforçamento do poder dos operários e camponeses, um instrumento de libertação dos operários e dos camponeses do jugo dos proprietários rurais e dos capitalistas. O nosso exército é o exército da libertação dos trabalhadores.

Havéis notado, camaradas, que antigamente como agora, nos países capitalistas, o povo tinha medo e continua a ter medo do exército; que entre o povo e o exército há uma barreira que separa o exército do povo? Pois bem. E no nosso país? No nosso país, pelo contrário, o povo e o exército formam um todo único, uma família. Em nenhuma parte do mundo há relações tão amigáveis, tão cheias de solicitude da parte do povo para com o exército, como no nosso país. No nosso país ama-se, respeita-se e acarinha-se o exército. Porque? Porque, pela primeira vez no mundo, os operários e camponeses criaram o seu próprio exército, que não serve os patrões, mas os antigos escravos, hoje operários e camponeses libertados.

Eis a origem da força do nosso Exército Vermelho.

E que quer dizer o amor do povo pelo seu exército? Isso quer dizer que um tal exército terá sempre uma retaguarda muito forte, que um tal exército é invencível. O que é um exército sem uma retaguarda forte? Não é nada. Os maiores exércitos, os exércitos mais bem equipados, têm sido derrotados e reduzidos a cinzas sem uma retaguarda forte, sem o apoio e simpatia da retaguarda, da população trabalhadora. O nosso exército é o único exército do mundo que goza da simpatia da retaguarda, da população trabalhadora. O nosso exército é o único exército do mundo

que goza da simpatia dos camponeses e da sua força, nisso está a sua solidez.

Eis o que distingue, antes de tudo, o nosso Exército Vermelho de todos os outros os outros exércitos de todas as espécies que existiram e existem no mundo. Os votos do Partido, a sua tarefa, e que seja conservada e reforçada esta particularidade do nosso Exército Vermelho, esta proximidade, esta ligação fraternal com os operários e os camponeses.

x x x

A segunda particularidade do nosso Exército Vermelho reside no facto de que ele, o nosso exército, é o exército da fraternidade entre os povos do nosso país, o exército da libertação dos povos oprimidos do nosso país, o exército da defesa da liberdade e da independência dos povos do nosso país. Antigamente, o exército era formado no espírito do chauvinismo, no espírito da conquista, no espírito da necessidade de submeter os outros povos. É isso que explica os exércitos do tipo antigo, os exércitos capitalistas, fossem ao mesmo tempo exércitos coloniais. Nisso residia uma das principais fraquezas dos antigos exércitos. O nosso exército distingue-se radicalmente dos exércitos coloniais. Toda a sua essência, toda a sua estrutura, são fundadas sobre a consolidação do laço de amizade entre os povos do nosso país, sobre a ideia de libertação dos povos oprimidos, sobre a ideia da defesa da liberdade e da independência das Repúblicas Socialistas que compõem a União Soviética.

Eis a segunda origem da força e do poder do nosso Exército Vermelho. Nela está a garantia de que o nosso exército achará, no minuto crítico, o apoio imenso dos milhões de homens de todas as nacionalidades que povoam o nosso país. Os votos do Partido, a sua tarefa, e que seja igualmente conservada e consolidada esta particularidade do Exército Vermelho.

x x x

Enfim, a terceira particularidade do Exército Vermelho, reside no facto de que o nosso Exército Vermelho está inteiramente penetrado do espírito do internacionalismo, dos sentimentos de internacionalismo. Em todos os países capitalistas, os exércitos são ordinariamente educados no espírito do ódio contra os outros povos, no espírito do ódio contra os operários e camponeses dos outros países. Porque se faz isso? Para fazer do

exército um rebanho dócil no caso de conflitos militares entre estas, entre potências, entre países. Nisso está uma origem de fraquezas de todos os exércitos capitalistas. O nosso exército está edificado em bases absolutamente diferentes. A força do nosso Exército Vermelho, camaradas, reside no facto de que ele é educado desde o primeiro dia do seu nascimento, no espírito do internacionalismo, no espírito do respeito dos outros povos, no espírito da manutenção e da consolidação da paz entre os países. É justamente porque o nosso exército é educado no espírito da unidade de interesses dos operários de todos os países, que ele, o nosso exército, é o Exército da Revolução Mundial, o exército dos operários de todos os países. E que esta circunstância é a origem do poder do nosso exército os burgueses de todo o mundo aprendendo-o em qualquer momento, se decidirem atacar o nosso país, porque verão então que o nosso Exército Vermelho, educado no espírito do internacionalismo, tem um número incalculável de amigos e aliados em todas as partes do mundo, de Xangai a Nova-York, de Londres a Calcuta.

Eis, camaradas, a terceira particularidade que penetra o espírito do nosso exército e que cria uma origem da sua força e do seu poder. Os votos do Partido, a sua tarefa, e que seja igualmente conservada e consolidada esta particularidade do nosso exército.

x x x

O nosso exército deve a estas três particularidades o facto de saber para onde vai, o facto de ser composto, não por soldados de chumbo, mas por homens conscientes, que compreendem para onde vão e porque se batem. É um exército que sabe porque se bate, é invencível, camaradas.

Eis porque o nosso Exército Vermelho tem todas as razões para ser o melhor exército do mundo.

VIVA O NOSSO EXÉRCITO VERMELHO !

VIVAM OS SEUS COMBATENTES ! VIVAM

OS SEUS DIRIGENTES ! VIVA A DITAMU-

RA DO PROLETARIADO, QUE FORMOU O EXÉ-

CITO VERMELHO, QUE LHE DEU A VITÓ-

RIA E A COROÇA DE GLÓRIA !

oooo oooo

(continuado da pág. 4)

ção de todos os tempos, mas não da classe operária. Todo o militante que faz críticas aos militantes do P. fora do seu escalão pode vir a ser tomado como um provocador, pois a sua actuação confundir-se-á com a de um provocador. Das suas auto-críticas o P. reconhece publicamente os seus erros ou deficiências; mas o que não pode consentir é na crítica malévola e tola de certos zangãos políticos, que para mais não servem do que para a crítica estéril. O P. só se prestigiará perante a massa, desde que os seus filiados o saibam fazer prestigiar. Isto quer dizer que o dever de cada militante é defender o seu P. e os seus camaradas. Que o militante que aceite com indiferença as críticas desonestas ao P. ou aos seus militantes, revela com isso ser um fraco comunista e um mau militante. O dever de cada militante, lá onde se encontra, é de prestigiar o P. e os seus militantes, pois o P. não poderá existir sem militantes, nem estes sem ele.

O CAMINHO A SEGUIR !

A unidade partidária acaba de atravessar uma grande crise dada a acção nociva do grupelho, mas o caminho para a completa unificação do P. e da classe operária está em grande parte desbravado; o momento crítico foi facilmente vencido. Agora o que importa é consolidar o trabalho realizado e tornar mais forte e mais unido o nosso P., de forma a tornar impossível qualquer futura arremetida dos agentes da reacção fascista. A unidade partidária conseguir-se-á :

- 1º - Pelo esclarecimento das massas quanto ao intento do grupelho confusionista e características da sua acção provocatória.
- 2º - Pela elevação do nível político e experiência revolucionária da massa partidária.
- 3º - Pelo estabelecimento duma disciplina férrea que feche a Organização a infiltração da acção anti-revolucionária do grupelho existente ou dos que possam vir a existir, bem assim como a acção dissolvente de certos elementos individualistas e de mentalidade pequeno-burguesa.
- 4º - Pelo combate decidido a todos os desvios políticos, sejam eles da direita ou da esquerda.
- 5º - Expulsão do seio do P. e de todos os elementos intriguistas e maldizentes que nele possam vir a aparecer.
- 6º - Pela unificação orgânica das fun-

ções partidárias, de forma a fazer do P. um organismo palpitante de vida política e organicamente elástico.

Será dentro desta orientação geral que a luta pela unificação do P. terá de ser materializada; será esta a tarefa imediata para todos os escalões da Organização. Cabe aos escalões dirigentes e dirigidos verificar até que ponto esta tarefa fundamental do P. está a ser materializada e como o está sendo, devendo ser imediatos para todas as infracções verificadas.

Esta é a primeira tarefa que o P. vai exigir a toda a Organização.

AVANTE PELA UNIDADE PARTIDÁRIA E CONTRA A PROVOCACÃO !

ORGANIZEMOS A LUTA PELO AUMENTO DOS SALÁRIOS !

Em todo o país se vem notando um descontentamento geral contra os salários de miséria que o governo salazarista procura perpetuar. Nalgumas localidades os trabalhadores já começaram a movimentar-se. Na Covilhã por exemplo os trabalhadores foram até a paralização total para imporem os seus direitos. Os trabalhadores portugueses voltam a entrar na boa escola: é na luta que poderão conquistar uma melhor situação.

É preciso pois, que o militante comunista não seja apanhado de surpresa perante tais acontecimentos. Como elemento de vanguarda ele deve ser o propulsor, orientador e organizador do próprio movimento. É por meio das lutas parciais que nós podemos unir as massas trabalhadoras. Não devemos portanto perder a oportunidade que se nos depara.

Todo o comunista deve no local onde trabalha começar uma campanha sistemática no sentido de preparar as massas para exigirem aumento dos salários, esclarecendo-as sobre o custo da vida actual e a de há dois anos atrás. Isto pode ser feito pela palavra ou papéis volantes com indicações concretas e claras.

Este trabalho pode ser feito por muitos trabalhadores que não são comunistas. Depende de nós o saber orientá-los.

Depois dum vasto trabalho de agitação neste sentido, no seio das massas devemos fazer com que elas elejam comissões que exijam perante os patrões ou por intermédio dos sindicatos, casas do povo, etc. o aumento dos salários. Deve ser esta a nossa tarefa central no momento que passa.

AVANTE CAMARADAS PELO AUMENTO DOS SALÁRIOS !

POR UM PARTIDO FORTE

Um Partido Comunista é a expressão da luta organizada da classe operária contra o seu inimigo mais poderoso, contra o sistema capitalista; é a força que dirige milhões de homens para a Revolução, é o "estado maior da classe operária" como diz Stáline.

A nós, comunistas organizados, cabe-nos ensinar nas fábricas, nos campos, nos quartéis, nos navios e nas escolas, qual a direcção que a luta revolucionária deve tomar, quais as questões mais prementes e mais necessárias por que devemos lutar, insuflando nas massas inorganizadas o espírito de disciplina e o devotamento a Revolução, que nos dá a certeza de vencer.

O devotamento dos comunistas, o seu heroísmo proletário e realista, a sua conduta exemplar, a sua dedicação ao estudo e ao aumento consecutivo da sua capacidade revolucionária posta ao serviço dos interesses dos explorados, são factores de mobilização de massas, requeridos como indispensáveis a um membro do Partido. A necessidade da luta diária e dos objectivos finais da Revolução ligam estreitamente o Partido as massas sem cuja ligação não seria possível dirigil-as. "Nós somos o Partido da classe", escreveu Lênine - que por consequência deve agir quasi totalmente (em tempo de guerra totalmente) sob a direcção do nosso Partido, cerrar fileiras o mais possível em volta dele".

É por isso que os diferentes órgãos do Partido precisam gozar de crédito moral e político indispensáveis à condução da luta revolucionária, sem o qual se não compreenderá o seu verdadeiro papel de vanguarda.

A experiência destes últimos anos do nosso Partido, a acção provocatória no seu seio, a incapacidade de alguns dos seus quadros dirigentes, o aspecto do seu aparelho ilegal destinado somente a agitação e a propaganda mais elementares, a falta de prestígio do Partido, tomado mesmo a escala nacional, colocam-nos hoje perante a necessidade de reforçamento da sua disciplina e elevação do seu nível revolucionário, perante a luta sem tréguas contra os elementos provocatórios, contra os cisionistas, contra os elementos duvidosos e hesitantes, contra os pesos mortos.

"Nas vésperas assim como no momento da batalha para o triunfo da Revolução - disse Lênine - as mais ligeiras hesitações no Partido podem levar tudo a perder, fazer sossobrar a Revolução, afundar ao proletariado o poder ainda mal seguro e sujeito a ata-

ques furiosos. Se neste momento os chefes hesitantes se retiram resulta daí não um enfraquecimento, mas um reforçamento do Partido, do movimento operário e da Revolução."

Quais são os inimigos do nosso Partido? Nós não podemos apenas citar os fascistas como únicos adversários do movimento revolucionário comunista. Todos os que no seio da classe operária semeiam a confusão e a dúvida, todos os que esquecendo as normas de centralismo democrático do Partido organizam a oposição que o enfraquece, os elementos provocadores que sob a capa de membros responsáveis guiam a polícia na sua acção contra nós, os que pela sua hesitação encorajam os provocadores, todos estes são inimigos do Partido.

A situação actual da luta revolucionária foi em certa medida comprometida pelos inimigos do Partido, pelos elementos que escorraçamos das nossas fileiras como indivíduos duvidosos e responsáveis por um grande número de erros, por indivíduos a quem é preciso aniquilar no seu trabalho provocatório e confusionista.

As fileiras do Partido precisam de ser uma força única, decidida a reforçar a actividade revolucionária, a esmagar os sabotadores e os agentes do fascismo no seio do movimento operário.

Sobre nós, parte sã do Partido, pesa uma tremenda responsabilidade: a defesa dos interesses da classe operária e das massas exploradas, a libertação do povo português da opressão, da miséria e da tirania fascista.

Essa responsabilidade exige de cada comunista uma maior dedicação à Revolução, um aumento da sua capacidade revolucionária, uma aprendizagem leninista com a experiência do trabalho diário e da luta das massas, uma disciplina e uma tenacidade bolcheviques.

Com o espírito combativo, com a intransigência que a hora actual exige não só venceremos os inimigos do nosso Partido como também as forças reaccionárias que oprimem o povo português.

Avante, pois, camaradas! Construamos um Partido forte, sem provocadores, sem pesos mortos, sem hesitantes, sem cisionistas!

#####

Eu afirmo que não pode haver movimento revolucionário sólido sem uma organização estável de dirigentes, que mantenham a continuidade do trabalho.

LÊNINE